

Merleau-Ponty leitor de Gramsci

Maurice Merleau-Ponty foi um pensador para o qual as fronteiras do que seria um saber filosófico não faziam sentido – sua filosofia se alimentava, sobretudo, do que ‘não era’ filosofia estrito senso, das investigações limiares, como as da psicologia, da pintura, da poesia, da política. Nas palavras do próprio autor ao prefaciá-la a *Fenomenologia da percepção*, “é a ambição de uma filosofia que seja ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividos’”, assim “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo e, nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia” (MERLEAU-PONTY, 2006: 1-19). Tendo esta epígrafe, o pequeno texto que damos a público, apesar de sua concisão, explicita, na apresentação do teórico italiano Gramsci, algo da própria filosofia de Merleau-Ponty: sua porosidade a problemas diversos, sua radicalização da filosofia ‘no meio da rua’, tal qual preconizava a fenomenologia em sua leitura francesa.

Em 1956, ano deste texto, os cadernos escritos por Gramsci no cárcere haviam sido publicado em “cuidadosa elaboração” por Palmiro Togliatti, na edição conhecida por “temática” por sua solução editorial de indexar os textos a partir de seus conteúdos. A edição tem início em 1948 e a *Carta do Cárcere*, citada por Merleau-Ponty, fora publicada anteriormente, também sob os cuidados de Togliatti, em 1947. Nos anos de 1950, a organização dessa primeira edição é criticada, pois não obedeceu à ordem



cronológica dos escritos do cárcere; além dessa crítica editorial, muitas vezes a intervenção de Togliatti foi vista como uma “intepretação” comprometida, dentro das controvérsias do próprio PC italiano, o que expõe a historicidade intrínseca a essas publicações. Mas, sejam procedentes ou não as críticas, como enfatiza Carlos Nelson Coutinho¹, a edição temática não deixou de ser a responsável pela difusão para além da Itália do pensamento de Gramsci. Apenas em 1958, um organismo cultural do próprio PC italiano envolve-se na discussão de uma nova apresentação final para os *Cadernos*; mas a edição completa dessa outra versão, conhecida por “edição gerratana” pela contribuição do estudioso Valentino Gerratana, só viria a público em 1975, anos após a morte de Merleau-Ponty, em 1961. Assim, o pequeno verbete de Merleau-Ponty também faz parte da história da resenha crítica e da recepção desse autor, descoberto dos escombros do fascismo pelo pensamento político do pós-guerra.

Os editores

Referências bibliográficas

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia do espírito*, trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹ Cf COUTINHO, Carlos Nelson. “Introdução”, In: GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, vol. I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.



Merleau-Ponty, M. *Les philosophes célèbres*, Paris : Citadelles et Mazenod, 1956, p.422 ; *Les philosophes de l'antiquité au XX siècle. Histoire et portraits*, sous la direction de Maurice Merleau-Ponty, Nouvelle édition révisée et augmentée sous la direction de Jean-François Balaudé, Paris : Le Livre de Poche, 2006, p.1112-1113.
Tradução: Alex Calheiros e Leandro Neves Cardim²

GRAMSCI Antônio (1891-1937)

Teórico marxista e líder do partido comunista italiano. Nascido na Sardenha, Gramsci termina seus estudos em Turim e entra para o partido socialista em 1911. Em 1915, assume a direção do jornal *Avanti* e funda em 1919 o *Ordine Nuovo*, em cujas colunas ele começa a renovar o socialismo e a preparar a classe trabalhadora para assumir o papel de classe dirigente. Diante do perigo fascista crescente, Gramsci compreende a fraqueza do partido socialista dominado pelos reformistas: no congresso de Livorno, uma cisão se deu, e é assim que nasce o partido comunista italiano. No interior deste novo partido, Gramsci deve combater a tendência “trotisquante” de Bordiga, que ele chega a eliminar. Preso pelo governo fascista em 1926, Gramsci morre na prisão em 1937. Teórico ao mesmo tempo em que homem de ação, Gramsci desempenhou um papel considerável na vida intelectual da Itália. Em a *Questão meridional*, ele critica a filosofia de Croce denunciando sua função política conservadora. Seus

² Alex Calheiros, professor adjunto de filosofia da UnB e Leandro Neves Cardim, professor adjunto de filosofia na Universidade Federal do Paraná – UFPR.



trinta e dois *Cadernos*, escritos na prisão, tratam de problemas os mais diversos. Eles serão publicados em 1953, sob os seguintes títulos: *Os intelectuais e a organização da cultura*; *Literatura e vida nacional*; *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce*; *Nota sobre Maquiavel, sobre a política e sobre o estado moderno*; *Passado e presente*; *O Risorgimento*. Ao mesmo tempo, foram publicadas as *Cartas do cárcere*. No domínio cultural como no domínio político, a contribuição é considerável. Jamais ele separou estas duas atividades, já que, como ele diz na manchete do primeiro número do *Ordine Nuovo*: “Dizer a verdade é revolucionário”.